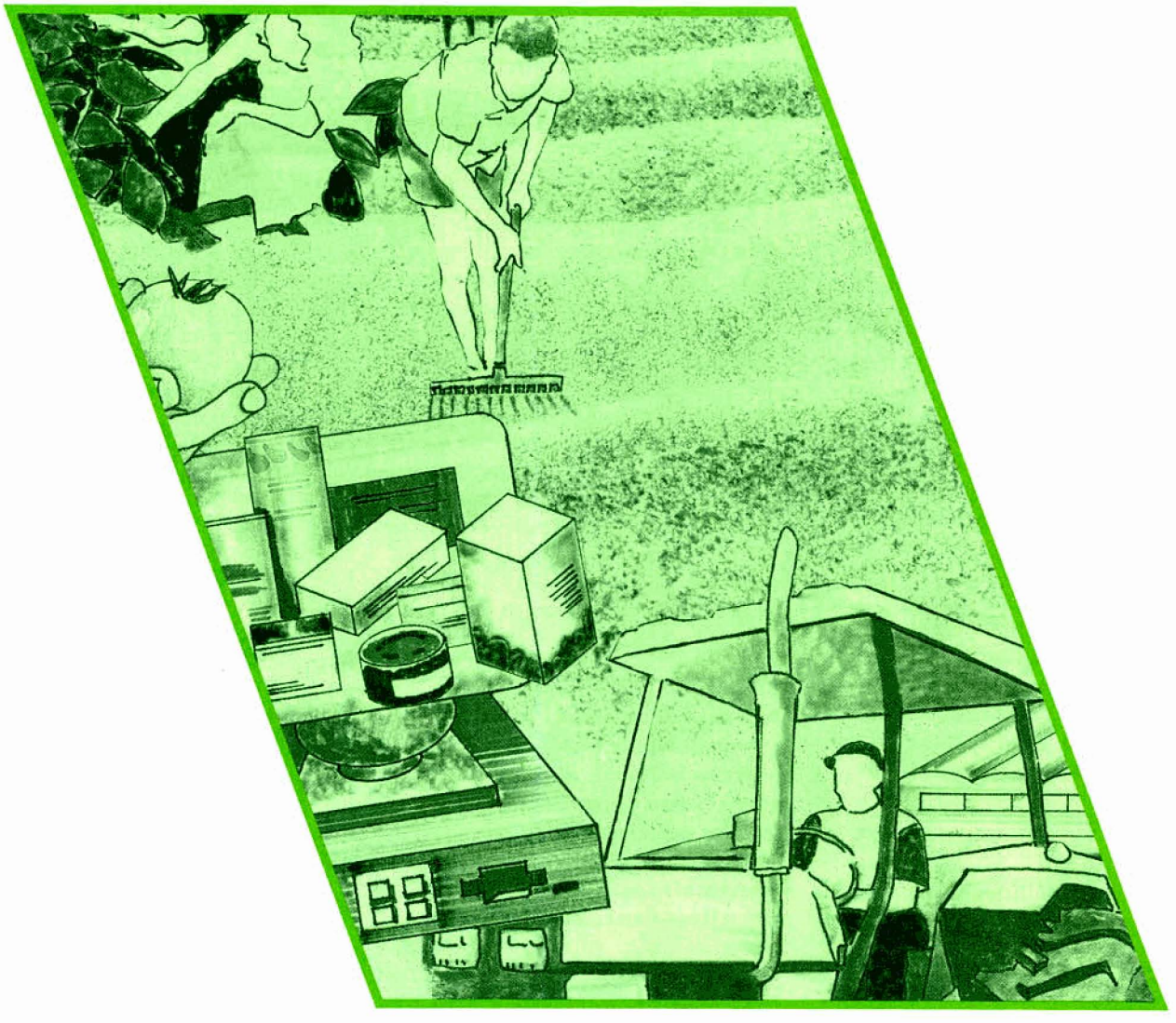


100 maiores do agribusiness

Agricultura na era do agribusiness

Os anos 80 foram um divisor de águas na agricultura brasileira, embora isso tenha passado despercebido em grande parte do país. O desequilíbrio macroeconômico sepultou o modelo de política agrícola sustentado em crédito barato e farto, que teve seu auge na década de 70. Do mesmo modo, os exauridos recursos governamentais não conseguiram sustentar os instrumentos de comercialização — as operações EGF e AGF e os preços mínimos.

Apesar desse quadro aparentemente soturno, a agricultura teve um desempenho surpreendente: foi o setor que mais cresceu na economia nacional durante os anos 80. Esse crescimento — aliás, em importantes atividades, como por exemplo em cereais e oleaginosas — deu-se em cima de ganhos de produtividade, tendo em vista que a área trabalhada até recuou nesse período, enquanto a produção cresceu. Paralelamente, grandes complexos agroindustriais se consolidaram nos ramos sucrocitrícola, sucroalcooleiro e na avicultura de corte e postura, entre outros.

Enfim, a agricultura ultrapassou os limites da porteira e estabeleceu profundas relações tecnológicas, produtivas, financeiras e de negócios com as demais atividades da economia, ligadas a indústria, comércio e serviços. E o grande vetor desse processo foi a revolução tecnológica das fazendas — responsável pela virtual transformação da agricultura em uma parte do sistema de alimentos, fibras e biomassas.

Tudo isso assinalou o fim de uma visão em que a fazenda típica era considerada um elemento distinto da economia, local não só de plantio e de criação, mas também onde se cuidava dos animais de tração, da produção dos instrumentos de transporte (carroças e carros de boi), das ferramentas e outros itens necessários. Praticamente todas as operações relacionadas com o cultivo, o processamento, o armazenamento e a comercialização eram desenvolvidas na fazenda. Daí parecer apropriado incluir todas essas atividades no termo "agricultura".

Porém, mais do que qualquer argumento teórico sobre os limites da abordagem setorial, cabe neste cenário pós-80 atentar para duas importantes modificações. Da porteira para dentro, onde se assiste à tendência de especialização do produtor na sua atividade-fim, principalmente aquela em que predomina a chamada "agricultura de mercado", na qual vários trabalhos antes realizados pela agricultura passam a ser executados por outros agentes externos. Da porteira da fazenda para fora, com a estruturação de um moderno parque industrial, que fornece bens de capital e insumos modernos que abastecem o campo, como máquinas, equipamentos e implementos agrícolas, fertilizantes, sementes melhoradas, defensivos, vacinas, medicamentos, rações etc.

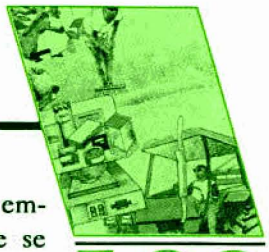
No ambiente de agribusiness, a sobrevivência do produtor rural, independente do seu porte ou tipo de exploração, dependerá do conhecimento das cadeias de alimentos, fibras e biomassas...

À percepção dessas duas modificações soma-se, evidentemente, o fato de o processo da produção agropecuária contar crescentemente com o apoio de organismos até então inexistentes ou pouco atuantes, como órgãos públicos e privados de ensino, pesquisa e experimentação, carteiras de crédito rural dos bancos, firmas de assessoria e planejamento, empresas supridoras de bens de produção e insumos, empresas de transformação e processamento, redes comerciais de atacado e varejo e outras.

Como se vê, o número de segmentos que orbita em torno da produção agropecuária é tão diversificado e estratificado que não cabe enquadrá-la como setor primário, segundo o enfoque simplista de uma economia de três setores isolados: primário (agricultura), secundário (indústria) e terciário (comércio e serviços).

Foi estudando as transformações e a restruturação da agricultura dos EUA que os professores Ray Goldberg e John H. Davis, da Universidade de Harvard, cunharam em 1957 o termo *agribusiness*. Resultado do esforço para definir os novos sistemas de produção que chegavam ao campo, o neologismo incorpora em seu conceito os agentes que imprimem dinâmica a cada elo da cadeia que parte do mercado de insumos e fatores de produção (antes da porteira), passa pela unidade produtiva agrícola (dentro da porteira) e vai até o processamento, a transformação e a distribuição (depois da porteira).

Pela definição de Goldberg e Davis, o agribusiness é "a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção nas unidades agrícolas; e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos por elas". Dessa forma, o agribusiness engloba os fornecedores de bens e serviços à agricultura, os produtores agrícolas, os processadores, transformadores e distribuidores envolvidos na geração e no fluxo dos produtos agrícolas até o consumidor final. Participam também desse complexo os agentes que afetam e coordenam o fluxo dos produtos, tais como governo, mercados, entidades comerciais, financeiras e de serviços.



100 MAIORES

Mesmo depois de quase 40 anos de sua criação, o conceito de agribusiness tem servido como uma alternativa muito apropriada para analisar a agricultura atual do Brasil. Neste sentido, é curioso notar o seu crescente uso no país nestes anos 90, a exemplo do que ocorre há muito tempo nas economias mais desenvolvidas. Na verdade é uma corrida contra o tempo.

Uma vez entendido que a agricultura brasileira possui *status* de agribusiness, é indispensável ter em mente que ela precisa ser vista através do exercício da criatividade e do bom senso, sempre tendo como finalidade encontrar um modelo funcional de gerência. Não se pode limitar o horizonte somente nas atividades de dentro da porteira. É nesse exercício que os tomadores de decisão da iniciativa privada e do governo poderão encontrar respostas, saídas e maneiras flexíveis de aumentar a eficiência da propriedade rural, das agroindústrias, dos canais de comercialização e do abastecimento.

No ambiente do agribusiness, a sobrevivência do produtor rural, independentemente do seu porte ou tipo de exploração, dependerá da difusão de informações sobre administração, mercado e tecnologia, da cogestão de empreendimentos — condomínios rurais e sistemas de integração —, do conhecimento das cadeias de alimentos, fibras e biomassas, da criação de sistemas de comunicação com a comunidade urbana, do estímulo à criatividade e à inovação, à descentralização e à parceria.

Diante de tais circunstâncias, as lideranças rurais devem estrategicamente buscar a liderança em torno do agribusiness de cada atividade da agropecuária. Neste sentido, um caminho a ser seguido diz respeito ao papel do Estado como coordenador de processos. Isto significa, em outras palavras, o esforço governamental para estimular acordos e obter compromissos entre os segmentos de antes, dentro e depois da porteira, no enfoque de cliente e fornecedor, em nome dos princípios da produtividade e da qualidade. As fontes e usos dos recursos oficiais para o agribusiness devem ser transparentes, cabendo pensar o Estado e a agricultura como unidades empresariais que se diferenciam das empresas apenas no resultado final: uma visa o bem-estar e a segurança alimentar dos cidadãos, a outra privilegia o lucro.

É necessário reconhecer que muitos passos têm sido dados para traçar os rumos da agricultura frente aos novos desafios de mercado. Contudo, é preciso acelerá-los para continuar dando respostas às principais questões sobre o negócio agropecuário, que vieram para ficar no horizonte temporal deste fim de século. E aí incluem-se temas ligados a produtividade, qualidade, competitividade, necessidade de integração com a agroindústria, gestão da propriedade, desenvolvimento auto-sustentado e outros mais.

LUIZ ANTONIO PINAZZA
Gerente de planejamento e estudos econômicos da Agroceres.

Evolução da agroindústria — 1981-93

A agroindústria registrou, em termos globais, uma expansão do patamar produtivo da ordem de 13,7% no período 1981-93. Os setores vinculados à pecuária registram taxa de crescimento de 11,4%. Os segmentos agroindustriais associados à agricultura acompanharam de perto o crescimento global com variação positiva de 14,4% (tabela 1).

A excelente *performance* da avicultura (90,9%), seguida do desempenho dos ramos de insumos pecuários (31,4%), determina os resultados obtidos pela pecuária, apesar do recuo na produção de bovinos (33,8%) no período.

O desempenho na produção de aves e derivados teve determinantes diferentes ao longo desses 13 anos. A partir de 1984, o crescimento significativo das exportações de aves e derivados estimulou a produção nacional, consolidando a posição do Brasil no mercado mundial do produto. Já na década de 90, com o ritmo estabilizado das exportações, a produção manteve-se crescente, também em função da maior procura interna devido aos altos preços da carne bovina frente ao poder de compra dos salários.

Observando o gráfico 1, verifica-se que o nível de produção da agroindústria ligada à pecuária ultrapassa o nível global da produção agroindustrial em meados de 1991. Mas, no momento, as exportações de derivados já não estão tão concentradas no setor agrícola. A tabela 2, que mostra os valores exportados pelo setor por categoria de produto, assinala uma recuperação nas vendas externas de bovinos em 1991 e 1992, e um excelente resultado nas exportações de suínos, motivando dessa forma uma melhoria na produção desses setores. No caso dos bovinos, as discussões em torno do acordo do Mercosul combinadas com a defasagem cam-

Para fins específicos desta análise, utilizamos o termo agroindústria para denominar os setores industriais vinculados à produção agropecuária.